

Critical Realism: an investigation into the nature of things

Realismo Crítico: uma investigação sobre a natureza das coisas

Marcelo de Carvalho Azevedo Anache¹, Luiz da Costa Laurencel²

¹ Faculdade de Ciências Contábeis e Administração de Empresas, Fundação Técnico-Educacional Souza Marques

² Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

marcelo.anache@ftesm.edu.br, luizlaurencel@gmail.com

Recebido: 19/04/2021

Aceito: 26/04/2021

Publicado: 29/04/2021

DOI: 10.51919/revista_sh.v1i0.272

Abstract. *Starting from the conception that great part of reality exists and operates independently of our awareness or knowledge of it, and even that it does not fully respond to the empirical research or hermeneutic examination, this article contemplates the philosophical conceptions that encompass critical realism and sheds light on the issues involved in the relationship between theory and reality. Through the contributions of the precursor to the contemporary British philosophical movement of critical realism, Roy Bhaskar, it is intended to highlight the importance of ontology in understanding social reality, demonstrating that Realists approach causality in a critical form, using partial regularities, facts and events that we find in the social world as a stepping stone or portal to understand the processes or the complex, layered and contingent structures that cause these regularities.*

Keywords. *Critical realism. Ontology. Metatheory.*

Resumo. *Partindo da concepção de que grande parte da realidade existe e opera independentemente da nossa consciência ou conhecimento dela e ainda de que a mesma não responde totalmente ao levantamento empírico ou ao exame hermenêutico, o presente artigo contempla as concepções filosóficas que abarcam o realismo crítico e lança luz sobre a problemática envolvida na relação entre teoria e realidade. Através das contribuições do precursor do movimento filosófico britânico contemporâneo do realismo crítico, Roy Bhaskar, pretende-se destacar a importância da ontologia na compreensão da realidade social, demonstrando que os Realistas abordam a causalidade de forma crítica, usando as regularidades parciais, fatos e eventos que encontramos no mundo social como um trampolim ou portal para entender os processos ou estruturas complexas, em camadas e contingentes que causam essas regularidades.*

Palavras-chave. *Realismo crítico. Ontologia. Metateoria.*

1. Introdução

O realismo crítico é uma plêiade de posicionamentos filosóficos sobre uma gama de assuntos, incluindo ontologia, causalidade, estrutura, indivíduos e formas de explicação. Emergindo no contexto das crises pós-positivistas nas ciências naturais e sociais nas décadas de 1970 e 1980, o realismo crítico representa uma ampla aliança de teóricos sociais e pesquisadores que tentam desenvolver uma ciência social propriamente pós-positivista. O realismo crítico situa-se como um paradigma alternativo, tanto para formas científicas de positivismo preocupadas com regularidades, modelos de variáveis baseados em regressão, e a busca de formas legais, como também com vistas à forte mudança interpretativista (ou pós-moderna) que negava a explicação em favor da interpretação, com um foco na hermenêutica e na descrição ao custo da causalção.

Sobre o termo “realismo crítico”, que segundo Hamlin (2000) já podia ser encontrado em 1887 na obra do filósofo alemão Alois Riehl (1844-1924), a versão contemporânea, representada, sobretudo, pela obra de Roy Bhaskar (1944-2014), procura enfatizar a mesma relação entre um tipo de realismo e alguns aspectos da obra de Immanuel Kant (1724-1804); no entanto, o termo surge como a combinação de "realismo transcendental" e "naturalismo crítico". Nas palavras do próprio Bhaskar:

Eu chamei minha filosofia geral da ciência de ‘realismo transcendental’ e minha filosofia específica das ciências humanas de ‘naturalismo crítico’. Gradualmente, as pessoas começaram a misturar os dois e referir-se ao híbrido como ‘realismo crítico’. Ocorreu-me que havia boas razões para não objetar ao hibridismo. Para começar, Kant havia chamado seu idealismo transcendental de ‘filosofia crítica’. O realismo transcendental tinha o mesmo direito ao título de realismo crítico (BHASKAR, 1989, p. 190, tradução nossa).

Definir o realismo crítico não é uma tarefa fácil. A razão para isso é simples, ou seja, o realismo crítico não é um programa empírico, nem uma metodologia, quanto mais uma teoria, porque não explica nada. É, ao contrário, uma posição metateórica ou, em outras palavras, uma postura filosófica reflexiva preocupada em fornecer uma explicação filosoficamente informada da ciência e das ciências sociais, a qual pode, por sua vez, informar investigações empíricas. Podemos pensar nisso em termos de três camadas: nossos dados empíricos, as teorias que utilizamos para explicar nossos dados empíricos e nossas metateorias - a teoria e a filosofia por trás de nossas teorias. Em suma, enquanto o realismo crítico pode ser uma série heterogênea de posições, há uma característica “genética” solta que o une como uma metateoria: um compromisso ao formular uma filosofia propriamente pós-positivista.

2. O Realismo Crítico e o caráter ontológico da realidade social

O realismo crítico chamou a atenção de muitos profissionais reconhecidamente pouco afetos à reflexão metateórica, dentre eles economistas insatisfeitos com a metodologia econômica dominante no que tange a sua prática. Embora grande parte do apoio ao realismo crítico venha, portanto, dos que o examinam a partir dessa concepção prática, ele é demonstrado de maneira muito explícita como uma abordagem que foi desenvolvida a partir de perspectivas da filosofia.

O realismo crítico contemporâneo, como já argumentado, é associado fundamentalmente ao realismo transcendental de Roy Bhaskar (2008 [1975]). É um argumento filosófico sobre como o mundo real deve ser, dada a natureza da atividade científica. A distinção crucial é traçada entre a ontologia, que se preocupa com a natureza da realidade, e a epistemologia, que se preocupa com a natureza do conhecimento. O objetivo da ciência realista é construir conhecimento sobre o mundo real. Mas o que podemos dizer sobre o mundo real a não ser em termos de nosso conhecimento dele? Bhaskar (2008 [1975]) adverte em confundir os dois, isto é, de cometer a falácia epistêmica.

Nas palavras de Vandenberghe (2016):

O que importa na ciência são as próprias coisas, suas propriedades causais, e não as teorias e conceitos que nós, humanos/as, usamos para acessar a realidade que não criamos. Aqueles/as que confundem nosso conhecimento e modelos de realidade com a própria realidade cometem a falácia epistêmica (VANDENBERGHE, 2016, p. 179).

No coração do realismo crítico está o realismo sobre a ontologia - uma investigação sobre a natureza das coisas. O realismo ontológico afirma que grande parte da realidade existe e opera independentemente da nossa consciência ou conhecimento dela. A realidade não responde totalmente ao levantamento empírico ou ao exame hermenêutico. Historicamente, a ciência social, buscando justamente fundamentar-se em investigações empíricas, tem prestado atenção à epistemologia às custas da ontologia - ou seja, a sociologia se concentrou em como “sabemos o que sabemos”, enquanto questões sobre a natureza do conhecido são amplamente tratadas como uma reflexão tardia. O resultado tem sido um foco em métodos e formas de explicação, com atenção insuficiente (ou ingênua e equivocada) às questões sobre que tipos de entidades realmente existem no mundo social e como elas são. Isso muitas vezes deixou a sociologia com o que parece ser um realismo implícito quando se trata de dados empíricos, um relativismo não examinado quando se trata de formas de explicação, e um certo receio de quaisquer afirmações sobre a natureza do mundo.

No entanto, a ontologia não é facilmente descartada. A sociologia (e a prática da sociologia) se baseia em certas crenças amplas sobre a natureza do mundo social que informam nossas investigações. Os sociólogos operam com certas crenças sobre a natureza da ordem, estruturas, processos, indivíduos e causas. Essas crenças não são redutíveis aos nossos dados empíricos, e são frequentemente tomadas como garantidas quando construímos nossas teorias. Muitas das características determinadas e importantes do mundo não são empiricamente verificáveis ou quantificáveis, e podem de fato resistir à articulação em teoria, linguagem, números, modelos ou escrutínio empírico. Em tais casos, essas coisas só podem ser reconstruídas por meio de inferências retrodutivas ou abduativas; argumentos que se movem, de um fenômeno social, para uma teoria que é capaz de explicar esses fenômenos. Para fazer isso, precisamos de uma caixa de ferramentas abastecida com recursos conceituais adequados e sensíveis à natureza particular das coisas no mundo social. Por causa disso, os realistas críticos frequentemente se preocupam com questões relativamente abstratas ou filosóficas que surgem de nossas investigações empíricas.

O realismo crítico está preocupado com a natureza da causação, ação (*agency*), estrutura e relações, e as ontologias implícitas ou explícitas com as quais estamos operando. A partir disso, algumas indagações podem ser levantadas, dentre elas: o que entendemos por realismo no mundo social? Existem tipos sociais? O capitalismo, ou classes, ou o estado, ou impérios, existem como entidades sociais? O que constitui uma entidade social? Existem traços consistentes de fascismo? Existem traços consistentes de qualquer entidade social? Essas não são apenas questões que precisam ser objeto de investigação empírica, são investigações sustentadas por questões profundamente filosóficas. Essas investigações metateóricas influenciam nossas explicações do mundo social, mas não necessariamente determinam ou legitimam qualquer abordagem particular ou investigação empírica. Embora nossos modelos precisem responder às investigações empíricas, precisamos ser suficientemente “ontologicamente reflexivos” e “vigilantes” sobre nossas investigações.

Precisamos examinar nossas pressuposições sobre a natureza do mundo social e a bagagem ontológica por trás dos termos que usamos (estrutura, causação), e, em geral, precisamos ter um meio pelo qual possamos atender reflexivamente ao que nossos relatos (*account*) estão reivindicando na compreensão do mundo (RUTZOU, 2016).

Os realistas críticos estão preocupados em mapear o caráter ontológico da realidade social: as realidades que produzem os fatos e eventos que experimentamos e examinamos empiricamente. Ao dizer isso, os realistas críticos não rejeitam nem o interpretativismo nem a modelagem estatística por atacado. Em vez disso, combinando explicação e interpretação, o objetivo é uma investigação histórica sobre artefatos (por exemplo, a abordagem de Latour (1947-)), cultura, estruturas sociais (por exemplo, a abordagem de Bourdieu (1930-2002)), indivíduos e o que afeta a ação e a interação humanas. Entretanto, os realistas críticos abordam a causalidade de forma crítica, usando as regularidades parciais, fatos e eventos que encontramos no mundo social como um trampolim ou portal para entender os processos ou estruturas complexas, em camadas e contingentes que causam essas regularidades, fatos e eventos. Isso deve ser feito sem reduzir a causação a formas constantes de conjunção nas quais o evento A é sempre seguido pelo evento B; mas para fazer isso, exigimos um relato espesso e robusto de causas, estruturas e processos que seja capaz de fazer justiça à complexidade e heterogeneidade do mundo social. Em outras palavras, exigimos uma boa explicação da natureza do mundo social que não importa ingenuamente modelos causais das ciências naturais (ARCHER *et al.*, 2016).

O realismo ontológico está comprometido com a existência relativamente autônoma da realidade social e nossas investigações sobre a natureza da realidade; entretanto, nosso conhecimento sobre essa realidade é sempre historicamente, socialmente e culturalmente posicionado. O conhecimento é articulado de vários pontos de vista de acordo com várias influências e interesses, e é transformado pela atividade humana - em outras palavras, nosso conhecimento é contextual, conceitual e dependente de atividade. Os realistas críticos acreditam que não podemos ser ingênuos quanto a isso e devemos abraçar uma forma de relativismo epistêmico. O realismo não é uma maneira de interpretação da verdade ou o entendimento dos agentes sobre o mundo, ou a reivindicação de um acesso privilegiado à realidade. Não há como conhecer o mundo exceto sob descrições particulares, mais ou menos historicamente transitórias. Nossos relatos são falíveis e, embora o realismo implique um compromisso com a verdade, não há valores de verdade ou critérios de racionalidade que existam fora do tempo histórico. Por causa disso, todas

as nossas representações e nossas perspectivas particulares têm limitações. A ciência é falível e o conhecimento científico é sempre formulado em termos de estruturas conceituais que, por si mesmas, não são formas únicas de analisar o mundo empírico. Nós só somos capazes de chegar à realidade das coisas de maneiras diferentes. Portanto, profundidade de visão geralmente vem com o custo da amplitude do escopo e vice-versa.

Isso não implica que o conhecimento seja sem esperança ou que a possibilidade de realismo seja uma busca fútil; significa simplesmente que nossas representações do mundo são sempre históricas, perspectivistas e falíveis, o que implica, entre outras coisas, a necessidade do pluralismo metodológico. Como tal, o realismo ontológico não implica a “realidade” de nenhuma de nossas construções, colocando um grande “selo” de aprovação em nossas considerações (*account*); tampouco justifica uma “revogação (*derogation*) do ator leigo” (PORPORA, 2015). Em vez disso, para os realistas críticos, a ontologia deve simplesmente ser entendida como tendo um grau relativo de autonomia em relação à epistemologia e à interpretação.

O realismo crítico é uma aplicação do realismo transcendental nas ciências sociais, que ressalta que a estrutura social depende da atividade humana. Assim sendo, as práticas podem mudar como resposta a compreensão e crítica de teóricos sociais, incluindo os realistas críticos (LAWSON, 1997). Em analogia com o famoso argumento transcendental de Kant (1724-1804) para a validade de certos conceitos – para que seja possível a experiência enquanto tal –, Bhaskar (2008 [1975]) argumenta que a realidade deve possuir certas características para que as ciências da natureza sejam possíveis. Por esta razão chama esta posição realismo transcendental.

3. Bhaskar e a distinção do mundo real: os três tipos de camadas

A grande contribuição de Roy Bhaskar (1944-2014) para a humanidade é sua crítica sobre a filosofia positivista da ciência. Por meio de uma investigação filosófica de experimentos científicos, ele mostrou que o modelo hipotético-dedutivo de Mill, Popper e Hempel é mal concebido (VANDENBERGHE, 2016). Os cientistas não procuram conjunções constantes entre os eventos (leis de cobertura), mas eles olham para a existência de mecanismos gerativos que explicam onexo causal entre os eventos como uma condição necessária. Ao rebaixar o critério empirista, Bhaskar (2008 [1975]) concebe que os mecanismos geradores podem não ser observáveis, mas isso não os torna não-científicos. Ele cuidadosamente distinguiu o mundo real em três tipos de camadas e argumentou que os mecanismos geradores mesmo sendo reais, podem não ser realizados ou ativos (se outros mecanismos bloqueiam suas operações) ou podem ser realizados, mas não acessados empiricamente (se não há ninguém para observá-los).

Se o mundo real é algo diferente de nosso conhecimento, ele existe em diferentes camadas, porém nem todas diretamente acessíveis. O realismo transcendental sugere que existem três camadas: o Realizado, que experimentamos diretamente; o Empírico, que é uma tentativa de medir o Realizado; e o Real, ao qual não temos acesso direto. É no nível do Real que os mecanismos causais operam; o propósito da ciência realista é descobri-los. Mas só podemos acessar o Real nas camadas do Empírico e do Realizado; a ciência

enfoca particularmente o Empírico como meio de sistematizar o conhecimento do Realizado.

Segundo Sayer (2000), a camada Real se refere às estruturas e poderes dos objetos; já na camada do Realizado, o mesmo se refere ao que acontece se e quando os poderes considerados são ativados. Se tomarmos como exemplo a distinção marxista entre força de trabalho e trabalho, a primeira (a capacidade de desempenhar trabalho), em conjunto com as estruturas físicas e mentais das quais deriva, é equivalente a camada do Real, enquanto que o trabalho, entendido como forma deste poder e de seus efeitos, pertence ao domínio do Realizado.

A camada do Empírico é definida como o domínio da experiência e, na medida em que a aprendizagem com relação a mesma é bem-sucedida, ela pode ser efetuada em relação ao Real ou ao Realizado, embora seja contingente (nem necessário, nem impossível) que nós conheçamos o Real ou o Realizado.

Convém ressaltar que, enquanto podemos observar certas coisas como a estrutura de uma organização, bem como quando a mesma age, algumas estruturas podem não ser observáveis. A teoria realista argumenta que a existência em si não depende da observação. Em virtude disto, então, ao invés de confiar puramente em um critério de observância para efetuar proposições acerca do que existe, os realistas também aceitam um critério causal. Ou seja, a admissibilidade da existência de entidades não-observáveis pode ser feita através da referência aos efeitos observáveis que só podem ser explicados como o produto de tais entidades.

Sayer (2000) destaca que tanto os cientistas naturais quanto os sociais alegam, frequentemente, sobre as entidades não-observáveis. Por exemplo, muitos linguistas inferiram a existência de uma gramática generativa a partir da habilidade que as pessoas têm em construir sentenças novas, mas gramaticalmente corretas. Nas palavras de Sayer:

Uma implicação crucial desta ontologia é o reconhecimento da possibilidade de que os poderes podem existir mesmo quando não exercidos, e, assim, que aquilo que aconteceu ou aquilo que se sabe ter acontecido, não exaure o que poderia ter acontecido ou tudo o que aconteceu. A natureza dos objetos reais possibilita e apresenta, em um tempo dado, restrições àquilo que pode acontecer, mas não predetermina o que ocorrerá. Uma ontologia realista torna, portanto, possível compreender como nós poderíamos ser ou tornarmo-nos coisas que atualmente não somos: o desempregado poderia tornar-se empregado, o ignorante, conhecedor etc. (SAYER, 2000, p. 5).

O que podemos dizer sobre o Real a partir do nível Empírico depende da natureza dos mecanismos causais na camada do Real. A questão crucial é se esses mecanismos causais operam dentro de um sistema fechado ou aberto. Um sistema fechado é aquele em que há tanto o fechamento extrínseco - forças externas não consideradas - quanto o fechamento intrínseco - não há inter-relações consideradas entre as partes do sistema. Os sistemas fechados permitem mecanismos causais semelhantes à lei, que por sua vez geram regularidades empíricas pelas quais as leis podem ser identificadas. Um sistema aberto, por outro lado, está sujeito a influências externas, que não podem ser antecipadas (mesmo sendo aleatórias, o que requer algum conhecimento prévio de sua natureza), bem como sujeito a evolução e interação dentro do sistema, que também não podem ser antecipadas.

Além disso, mecanismos causais tomam a forma de poderes, ou tendências, que podem ou não estar ativos a qualquer momento, e que, quando ativos, podem operar simultaneamente e de maneiras que possam contrapor-se mutuamente (BHASKAR, 2008 [1975]).

O argumento-chave dentro do realismo transcendental é o fato observado de que a ciência física procede por meio da experimentação. Um experimento consiste em isolar variáveis de forças externas, isto é, de fabricar fechamento externo. Tirar conclusões de experimentos repetidos, por sua vez, pressupõe que o fechamento interno é satisfeito - que o mecanismo causal identificado em um experimento pode ser considerado repetido em todos os outros. Se o próprio mundo real constituísse um sistema fechado, não haveria necessidade de fechá-lo artificialmente em um experimento. As regularidades estariam presentes nos valores observados das variáveis. Portanto, o mundo físico real deve estar aberto.

Como é amplamente reconhecido que é extremamente difícil construir experiências no mundo social, isso justifica ainda mais fortemente a conclusão de que o mundo social é um sistema aberto. E, de fato, há poderosos argumentos secundários que sustentam essa conclusão filosófica: argumentos que se referem à criatividade do comportamento humano, ao exercício da ação humana, à evolução das instituições sociais, que sustentam um argumento de que o mundo social real deve estar aberto.

4. Conclusão

Em resumo, então, o realismo transcendental primeiro coloca os holofotes sobre a ontologia como sendo à priori, ao invés de estar subsumida na epistemologia - a natureza da realidade é importante para como construímos conhecimento sobre ela, e existe independentemente do conhecimento que construímos sobre ela. Segundo, a identificação observada da ciência com abstração e experimentação mostra que existem forças das quais a ciência deve abstrair. Se o mundo real fosse um sistema fechado, isso não seria necessário; seria factível para a ciência identificar todos os mecanismos causais.

Enquanto o realismo transcendental é o único caminho filosófico para o realismo crítico identificado na literatura realista crítica (como exemplificado por Lawson, 1997), existem outras rotas filosóficas. Em particular, a filosofia do iluminismo escocês oferece uma rota alternativa (DOW, 2002)¹. Hume (1711-1776) concluiu que a existência não podia ser demonstrada apenas pela razão; a ontologia não podia ser acessada puramente pela epistemologia, entendida como razão aplicada à observação. Mas, assim como Bhaskar observa que a ciência procede por meio de experimentos, Hume observou que a ciência (e a conduta mais generalizada) procede com base na crença do senso comum na existência². A necessidade de tal base surge da inacessibilidade dos mecanismos causais

¹ É irônico, e potencialmente bastante confuso, argumentar que a filosofia iluminista escocesa, particularmente a de Hume, deveria fornecer uma rota alternativa ao realismo crítico, já que Bhaskar em particular vê o iluminismo escocês como incorporando a falácia epistêmica, e Hume como tendo inspirado um empirismo baseado em regularidades de eventos observados. O que está envolvido aqui são duas interpretações muito diferentes de Hume e do Iluminismo escocês (DOW, 2002).

² O termo "senso comum" aqui se refere à filosofia do senso comum (COMIM, 2002).

subjacentes, que geraram o que observamos e experimentamos. Nos termos que temos desenvolvido, é porque o mundo é um sistema aberto que não podemos esperar identificar os mecanismos causais subjacentes e provar por razão e observação sua existência. A maneira pela qual nós, então, procedemos para construir o conhecimento, vem da inacessibilidade da camada Real.

Referências bibliográficas

ARCHER, Margaret; DECOTEAU, Claire; GORSKI, Philip; LITTLE, Daniel; PORPORA, Douglas; RUTZOU, Timothy; SMITH, Christian; STEINMETZ, George; VANDENBERGHE, Frederic. What is Critical Realism? **Perspectives** 38, n. 2, p. 4-9, Fall 2016.

BHASKAR, R. **Reclaiming Reality: A Critical Introduction to Contemporary Philosophy**. London, Verso, 1989.

BHASKAR, R. **A Realist Theory of Science**. 1ª ed., Routledge: Verso, [1975] 2008.

COMIM, F. The Scottish Tradition in Economics and the role of Common Sense in Adam Smith's Thought. **Review of Political Economy**, 14, 1, p. 91-114, 2002.

DOW, Sheila C. Historical Reference: Hume and Critical Realism, **Cambridge Journal of Economics**, 26, 6, p. 683-95, 2002.

HAMLIN, Cynthia Lins. Realismo crítico: um programa de pesquisa para as Ciências Sociais. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 00, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582000000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582000000200006>.

LAWSON, Tony. **Economics and Reality**, London, Routledge, 1997.

PORPORA, Douglas. **Restructuring Sociology**. New York: Cambridge University Press, 2015.

RUTZOU, Timothy. Reimagining Social Science. **Journal of Critical Realism**, v. 15(4), p. 327-41, 2016.

SAYER, Andrew. Características-chave do Realismo Crítico na prática: um breve resumo. Estudos de Sociologia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 6, n. 2, p. 7-32, jul./dez., 2000.

VANDENBERGHE, F. Obituário: Roy Bhaskar (1944-2014). **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 23, n. 33, p. 170-182, jan-jun, 2016.